

ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO NO FILME “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”: A CASA E A RUA

Fabiana Cristine Antoniucci de Lima- G-UNICENTRO

Orientadora: Célia Bassuma Fernandes

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o filme “O menino do pijama listrado” pelo viés da Análise de Discurso, observando como são discursivizados os espaços da casa e da rua no filme. Pela perspectiva discursiva, como sujeitos afetados pela ideologia e pelo inconsciente, somos sempre instados a interpretar, sendo essa capacidade de significar o mundo e de nos significar aquilo que nos torna diferentes dos animais. O filme é composto por imagens, sons, palavras, músicas e corpos, e constitui um texto que demanda sentidos e se abre para diferentes possibilidades de análise, uma vez que a incompletude é constitutiva da perspectiva teórica na qual nos inscrevemos. A materialidade em questão, conta a história da amizade entre Bruno, filho de um comandante da elite nazista, diretor de um campo de concentração, e Shmuel, um menino judeu prisioneiro neste campo. O filme não revela somente a história da guerra, mas de conflitos familiares, que se estabeleceram a partir das consequências do nazismo.

Palavras-chave: Análise de Discurso, ideologia, casa e rua.

1. INTRODUÇÃO

Pela perspectiva discursiva, como sujeitos afetados pela ideologia e pelo inconsciente, somos sempre instados a interpretar, sendo essa capacidade de significar o mundo e de nos significar aquilo que nos torna diferentes dos animais. Segundo Orlandi (2002,p.12), “[...] a relação do homem com o sentido se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, escultura, escrita, etc.” Assim sendo, não podemos nos delimitar à compreensão do verbal, pois de acordo com a autora citada, cada discurso possui a sua “especificidade” (ORLANDI, 2002, p. 32).

Composto por imagens, sons, palavras, músicas e corpos, o filme constitui um texto, que demanda sentidos e se abre para diferentes possibilidades de análise, uma vez que a incompletude é constitutiva da perspectiva teórica na qual nos inscrevemos. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar como são discursivizados os espaços da casa e da rua no filme “O menino do Pijama Listrado”, indicado cinco vezes, no ano de 2009, para receber o maior e mais cobiçado prêmio do cinema mundial (Oscar).

Lembramos que a materialidade em questão é uma adaptação do famoso livro

de mesmo nome, de autoria de John Boyne, e tem como pano de fundo a II Guerra Mundial. O filme conta a história da amizade entre Bruno, filho de um comandante da elite nazista, diretor de um campo de concentração, e Shmuel, um menino judeu prisioneiro neste campo.

Os dois têm oito anos e levavam vidas muito parecidas, antes da guerra. Bruno, a princípio, acredita que o local visto da janela de seu quarto é uma fazenda, na qual vivem fazendeiros estranhos que passam o dia vestidos de pijamas listrados. Porém, mais tarde, descobre que a fazenda, na verdade, é um campo de concentração. A dureza do lugar é revelada aos poucos, quase como um jogo de esconde-esconde. Por fim, o garoto compreende a natureza do trabalho de seu pai, o que lhe causa muitas dúvidas, como por exemplo, pensar se o pai é mesmo o herói que ele sempre pensou que fosse. Desse modo, “O menino do pijama listrado” não revela somente a história da guerra, mas de conflitos familiares, que se estabeleceram a partir das consequências do nazismo.

O que é a Análise de Discurso

A Análise de Discurso (daqui em diante AD) é uma teoria da interpretação, que teve início nos anos 60, no século XX, fundada por Michel Pêcheux, filósofo francês. Como o próprio nome já diz, o seu objeto de estudo é o discurso, definido por Orlandi (2013, p.15) “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” O objeto de estudo da AD não é a língua como sistema fechado de signos, mas o discurso, entendido por Pêcheux (1997, p.82), “efeito de sentidos entre interlocutores”.

Para a AD a língua precisa ser compreendida fazendo sentido, como parte do trabalho social, pois devemos pensar a língua como instrumento de acesso entre o homem e a história. E por isso, vemos a língua em uso no mundo, com as maneiras de significar, os sujeitos falando. De acordo com essa teoria não pensamos a história e a sociedade como independentes, pois, ambas são constitutivas do discurso. Desse modo, essa teoria inclui questões excluídas pelo estruturalismo, como o sujeito – história e mundo, a partir de uma base interdisciplinar.

A base fundadora da teoria discursiva é a linguística estudada inicialmente por Ferdinand Saussure, que tem como seu objeto de estudo a língua e excluindo o sentido,

posteriormente é relida por Pêcheux que toma como seu objeto o discurso é a partir desse momento que ele inclui pensar o sentido. A psicanálise estudada por Sigmund Freud e relida por Jacques Lacan também faz parte da base para a AD, porque com ela passamos ter a presença de um sujeito atravessado pelo inconsciente e por ideologias. E por último o materialismo histórico de Karl Marx e relido por Louis Althusser, que estuda a propriamente a ideologia, todos esses teóricos contribuíram, de alguma forma, para a formação do arcabouço teórico da AD.

A teoria da significação transforma as demais práticas linguísticas, por pensar na forma em que a “linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.” Para explicarmos melhor o porquê, a ideologia está relacionada ao discurso, Pêcheux diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (Orlandi *apud* Pêcheux, 2013, p. 17). A ideologia está presente em toda a manifestação linguageira do sujeito, permitindo a identificação com as Formações discursivas que o dominam, e que no discurso, representam as formações ideológicas.

A teoria fundada por Pêcheux tenta compreender a linguagem em movimento, pela relação que se estabelece entre a língua, o sujeito e a ideologia. Isso significa que a ideologia se materializa no discurso, que produz sentidos diferentes, tendo em vista, que todo sujeito é marcado por ideologias diferentes. Segundo Pêcheux, (1997b, p. 166, grifos do autor), a Formação Ideológica pode ser entendida como um: “[...] conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras.” Ainda, de acordo com o autor, a Formação Discursiva “[...] é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.”

Os limites entre a casa e a rua

Pelo viés discursivo, Orlandi (2001, p.10) define o espaço urbano como “espaço material concreto funcionando como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes.”

Em seu livro “A cidade dos sentidos” (2004), Orlandi afirma que o corpo do sujeito está fortemente ligado ao corpo da cidade, porque é nela que o sujeito se significa e é significado. Quando tratamos do urbano devemos voltar nossos olhares para o espaço, para a teoria discursiva o “espaço significa, e a relação dos sujeitos com o espaço é determinante para sua forma de vida” (ORLANDI, 2004, p.81). Ao analisarmos dois grupos distintos percebemos que as diferenças são fortemente marcadas, as diferenças culturais, raciais, entre outras é motivo das segregações dentro da sociedade, no caso filme a segregação em questão foi ocasionada a partir da guerra.

A autora nos mostra que, “este sujeito, por sua vez, como está produzindo sentidos na cidade [...], vai produzir uma realidade que é estruturada de tal maneira que nos vai dar, enquanto analistas, uma imagem de texto, do acontecimento urbano, que é histórica e que se apresenta em seus vestígios.” (2004, p. 28) É a partir de enunciados e de imagens que analisaremos como a casa e a rua são discursivizadas, no filme “O menino do pijama listrado”. Também serão consideradas as condições de produção, que dizem respeito ao modo como os sujeitos-judeus foram tratados pelos nazistas durante a segunda guerra mundial. “em uma sociedade como a nossa, o sujeito urbano é o corpo em que o “capital” está investido.” (2004, p.28) Podemos entender que esse sujeito é fortemente marcado por ideologias econômicas, em que o jogo do quem tem mais dinheiro tem mais poder sobre os demais sujeitos.

Não somente essa questão do poder aquisitivo maior, também é visto no filme, considerando que o sujeito-alemão se coloca como a raça mais forte, para as demais, criando uma representação de que os demais sujeitos devem ser subordinados a ele. A raça ariana, como eram chamados os sujeitos-alemães que eram puros sem descendência judaica, e pertencente à descendência do antigo povo ariano, acreditavam ser mais fortes e melhores. Dessa forma e foi essa a justificativa tomada como forma de motivo para o extermínio em massa durante a segunda guerra, a teoria de que a raça ariana era a mais forte foi derrubada tempos depois por cientistas, que analisaram o comportamento dos arianos e comprovaram não haver distinção entre as raças.

Orlandi trata também sobre a relação de ordem e de organização no espaço urbano, reflexão que se faz necessária para que possamos compreender a estrutura básica do que é o urbano. A ordem para autora é, o “domínio do simbólico na relação real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco) articulação necessária e

contraditória entre estrutura e acontecimento, enquanto a organização se refere ao empírico imaginário (o arranjo das unidades).” (2005, p. 35) Além da organização, a desorganização também faz parte dessa estrutura do que é o urbano.

Para a teoria da interpretação o sujeito está inserido numa sociedade dividida, essa divisão se dá desde os primórdios da história, sabemos também que ela marca as relações entre os sujeitos. Neste trabalho observaremos a principal distinção entre o que é a casa e rua para a AD, e como isto intervém a formação desses sujeitos.

Ao tratarmos desta distinção devemos retomar os principais conceitos do que é casa. A casa pode ter vários sentidos diferentes para determinados sujeitos, no filme “O menino do pijama listrado”, durante uma mudança de casa, para mais perto dos campos de concentração onde o sujeito- pai trabalhará, o garoto se sente deprimido pela mudança rápida e sem aviso, mas quando questiona o patriarca da família ele diz que “a casa é onde a família está”. Tendo em vista esse conceito, a casa está como um lugar privado para todos os sujeitos que denominados donos, nem todos os sujeitos têm o direito de entrar em nossas casas, ela é o que consideramos como nosso espaço particular.

Em contrapartida a rua que é entendida como o lugar público, onde todos têm os mesmos direitos. Segundo Orlandi “A rua é estruturante no imaginário em que a cidade significa: via pública, calçadas, passantes. Lugar do público, lugar ‘comum’.” (ORLANDI, 2004, p.49, grifo da autora).

Análise do filme

Antes da eclosão da II Guerra Mundial os sujeitos-judeus tinham a mesma liberdade que os sujeitos-alemães, até as forças repressivas agirem sobre eles. Quando os oprimidos são transferidos para os campos de concentração mesmo a liberdade parcial que lhes cabia acaba, e eles passam a viver como escravos. Assim que as forças repressivas agem sobre o público, e impedem que os sujeitos-judeus andem livremente nas ruas, tudo o que era público se torna privado para este determinado grupo.

Entretanto o filme mostra que durante a guerra a rua se torna privada para os sujeitos-judeus, considerando o fato de eles serem vistos como a raça inferior. Nesse momento a casa também se torna privada para os sujeitos donos, e entendemos que

somos repreendidos por leis que nos dão direitos e deveres. E mesmo em nossas casas somos coagidos a obedecer às forças repressivas.

Com essa inversão de valores, o que se torna público para os sujeitos-judeus, são os campos de concentrações. Por meio da formação social que estava circulando na época a ideia era de que os judeus deviam viver nos campos, pois, o poder que eles tinham era prejudicial aos sujeitos-alemães. Os campos de concentração eram espaços utilizados para detenção dos judeus, durante a guerra, com grande capacidade de abrigar os prisioneiros. Esses campos tinham dormitórios separados para homens e mulheres, além disso, eles trabalhavam desde o momento que acordavam até o toque de recolher, muitos ficavam sem se alimentar o dia todo.

Além das câmaras de gás, existiam outros meios de torturas para eles, como o congelamento, ou também a chamada hipotermia, a amputação dos membros. Também os jogavam em caldeirões de água fervente para analisar suas reações, aplicavam injeções letais, e faziam outros experimentos científicos. Além do mais, eram comuns viroses e epidemias entre os prisioneiros, por causa da falta de higienização, que muitas vezes os levavam a morte.

A casa urbana e a casa do campo

A casa em que Bruno e a família residem no início do filme está situada no centro de Berlim, como podemos ver na materialidade analisada (texto-imagem 1 e 2) é grande, bonita e com flores coloridas no jardim, tem uma grade fina e baixa cercando-a. A casa tem cores fortes, tanto na parte externa como na parte interna, as paredes de dentro são nos tons de azul e branco, as portas são brancas, as vidraças são todas desenhadas com cores fortes e vivas, com tons alegres. Todos os móveis lustrados, a escadaria envernizada e com um tapete elegante, na casa circulam muitos empregados, o que demonstra a riqueza da família.

Texto imagem 1



Texto imagem 2



Enquanto Bruno volta da escola para casa, vemos a representação (texto-imagem 3) de um cortiço sendo invadido pelos militares, eles estão tirando famílias a força de suas casas, e colocando-as em carros para serem levadas para os campos de concentração, os judeus já tinham perdido a liberdade parcialmente, pois já não podiam mais frequentar os mesmos lugares em que os sujeitos-alemães frequentavam, nem podiam morar em suas antigas casas, até este momento em que perdem completamente o direito de viver como cidadãos normais, e passam a ser prisioneiros.

Texto imagem 3



Como o pai de Bruno precisava mudar para mais perto do campo de concentração, em função de um cargo melhor que havia recebido a família também precisa mudar de casa. Essa mudança causa os primeiros conflitos familiares, pois Bruno tinha muitos amigos ali onde eles moravam, mas o sujeito-pai como chefe da família decide que todos vão junto com ele.

Quando a mãe fala na SD1: “crianças, vejam a nossa casa nova”, deveria ser causar a alegria, pois a ideia de mudança sempre vem com a esperança de ser algo bom. Contudo, a casa representada na materialidade analisada (texto-imagem 4) é grande, cercada por um muro alto, e uma grade parecida com a de uma prisão de cor preta. Tem uma escultura de águia em um pilar do muro, a casa é sem cor e revestida de pedra. Ela é afastada do urbanismo, só tem uma empregada e um judeu escravo que trabalham na casa, a escadaria dá a ideia de sela de uma prisão. As portas com cores vermelhas e pretas (cores que representam o nazismo), a cozinha e os quartos das crianças são os únicos espaços da casa que tem cores claras, mas tons melancólicos e com janelas lisas e altas.

Texto imagem 4



Na cena do escritório, em que o pai de Bruno chama o garoto para terem uma conversa, o sujeito-pai pergunta ao sujeito-filho o que ele está achando da casa nova, ainda com muito medo o garoto responde que sente saudade da antiga casa, dos amigos, e até mesmo da escola, mas o pai imediatamente fala ao filho que SD 2: “a casa é onde a família está”, essa frase é tem uma carga significativa enorme, porque nos faz pensar sobre como é essa família.

Enquanto a família morava na primeira casa, todos estavam felizes, unidos, tinham amigos, os avós paternos das crianças sempre os visitavam. Quando eles mudam pra segunda casa, essa família muda suas características, o casal começa a brigar, a filha mais velha enterra sua visão de infantil e larga seus brinquedos para passar apoiar as coisas da guerra. A única empregada da família também na SD 3 fala para o menino Bruno que “ela (a casa) só parecerá um lar se fizermos que a pareça não é?” e o lar só é construído pelo amor dos sujeitos que moram naquela casa.

Falsa liberdade

Quando o filme começa Bruno está vindo da aula com os amigos, eles vêm brincando de aviãozinho, (texto-imagem 5) é bem significativo, e pode ter dois sentidos diferentes se retomamos a nossa memória discursiva, primeiro porque nos remete a ideia da liberdade, como os pássaros voam livres as crianças também se sentem assim, criando essa falsa ideia de liberdade. O segundo sentido, é que eles imitam os aviões de guerra, como as crianças são inocentes, eles não sabem qual o significado tem aquele avião num momento tão conflituoso.

Texto imagem 5



Quando Bruno está se mudando de casa (texto-imagem 6), é como se o garoto estivesse acabando de perder aquela antiga liberdade, ele passa agora a ser um prisioneiro, de sua própria família, é neste momento que entendemos que a liberdade nos é dada parcialmente, mesmo dentro de nossas casas às vezes nos tornamos prisioneiros, pois em nossas famílias também somos controlados por forças ideológicas e repressivas. Quando Bruno passa a olhar o campo de concentração, perto de sua nova casa pela janela os sujeitos-pais intervêm e pregam as janelas de uma forma que ele passa a não ver nada mais, a janela também é significativa porque ela é o um dos nossos portais para o mundo lá fora, a partir do momento que somos proibidos de utilizar esse portal, estamos sendo repreendidos e perdemos parte da liberdade que nos é dada.

Bruno é livre e preso ao mesmo tempo, quando o menino descobre uma porta (texto-imagem 7) que liga os fundos da casa para o bosque em torna dela, ele é repreendido pela mãe, que não o deixa passar para aquele espaço. Mas, como o garoto é

esperto ele encontra um jeito de sair. E passar para aquele lugar com o intuito de “explorar”. Essa materialidade (texto-imagem 8) é bastante conveniente, pois no momento em que o garoto está passando pela porta dos fundos, ele enxerga um muro inteiro branco a cor significa que aquilo é a porta para sua liberdade. Quando ele consegue encontrar uma janela (texto-imagem 8) em um paiol que dá acesso ao bosque em torno da sua casa, o garoto passa por ela, e sai a procura do desconhecido.

Texto imagem 6

Texto imagem 7



Bruno quando avista Shmuel um garoto da mesma idade que ele, sentado no chão do outro lado do campo, vestindo um pijama listrado (texto-imagem 8). Diz na SD 4: que aquilo “é um campo de trabalho”, Bruno em sua inocência pensa que o campo é uma fazenda, e as poucos descobre que atrás da cerca alta de arame farpado, existem pessoas sendo escravizadas, crianças e adultos fazendo trabalhos braçais.

Texto imagem 8

Texto imagem 9



A mídia é um aparelho ideológico do estado, é através dela que construímos muitas de nossas ideologias, a mídia não é neutra, ela nos impõe o que acha que é melhor para a sociedade. Em uma das reuniões com um pelotão de um dos campos de concentração, o sujeito-pai, mostra um vídeo propaganda (texto-imagem 1 e 2) sobre como eram bons os campos de concentração, o vídeo fictício mostrava os sujeito-judeus felizes, as crianças eram livres para brincar, tinham alimentação nas horas certas. Esse vídeo foi feito com o intuito de enganar os sujeitos-alemães que eram contra a guerra.

Texto imagem 10



Texto imagem 11



Considerações finais

A partir desta análise feita sobre a materialidade em questão, vimos à segregação de uma sociedade fortemente marcada por costumes e ideologias. Com as análises feitas do filme, aos poucos é revelado um jogo entre a casa e a rua, tendo em vista, que a Berlim antes da guerra a casa era um espaço de liberdade e a rua era a continuidade desse espaço.

Contudo durante a guerra a situação muda drasticamente, a casa passa ser privada e rua também, e começa a se difundir uma falsa liberdade. A casa e a rua tanto para o sujeito- judeu como para o sujeito-alemão se torna a privação, porém, para os sujeitos-judeus essa privação é da igualdade.

Assim sendo, com essa pesquisa conseguimos verificar que os discursos que ecoavam na sociedade daquela época, se concretizavam a partir das atitudes tomadas pelos sujeitos.

REFERÊNCIAS:

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PECHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. e Hak, T. (orgs). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.